

Traços e tramas da diáspora: uma análise de *Um lençol de infinitos fios*, de Susana Ventura

Natacha dos Santos Esteves¹
Fernanda Favaro Bortoletto²
Geniane Diamante Ferreira Ferreira³

Resumo: No contexto sócio-político e cultural atual do Brasil, os fluxos de chegada de imigrantes ao solo brasileiro estão cada vez mais emergentes. A partir do interesse de escritores nas questões migratórias, surgem exemplos de obras literárias que abordam essa temática. *Um lençol de infinitos fios*, de Susana Ventura, é publicado em 2019 para contribuir com as produções que tematizam a realidade e os desafios que imigrantes experienciam ao chegar ao Brasil. Este estudo objetiva discutir os efeitos da diáspora nas personagens da obra infantojuvenil *Um lençol de infinitos fios* (2019). Sob a ótica de reflexões teóricas pós-coloniais sobre a diáspora, o pertencimento e a resistência, além de teorias que versam sobre o preconceito, pôde-se discutir a respeito das identidades híbridas e em constante negociação das personagens da obra, das diferenças culturais e físicas das personagens que são recebidas na sociedade brasileira com discriminação, bem como as relações de poder dos grupos que estão em posição hegemônica na sociedade. Além disso, compreenderam-se as relações das personagens com seus múltiplos locais de pertencimento e atos de resistência que demonstraram o senso crítico das personagens e o fortalecimento de laços com sua cultura original.

Palavras-chave: Diáspora; Pós-colonialismo; Pertencimento.

Introdução

A migração é um fenômeno que existe desde o princípio da humanidade. Traçando uma trajetória desde os nômades, pode-se observar o caráter de movimento dos sujeitos através dos séculos. Entretanto, as transformações políticas e socioeconômicas ocorridas desde o final do século XX, em todos os continentes, impulsionaram um novo fenômeno global de fluxos migratórios. Pensando nas motivações centrais desses deslocamentos, Avtar Brah (2005)

¹ Professora de Literatura e Gramática. Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9834-5044>. E-mail: natachaestevescm@gmail.com.

² Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual de Maringá. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2587-1828>. E-mail: ffbortoletto@hotmail.com.

³ Professora Adjunta na Universidade Estadual de Maringá e professora na Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual de Maringá. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4955-3338>. E-mail: gdf Ferreira@uem.br.

aponta os fatores econômicos e o desejo de buscar novas oportunidades para melhoria de vida, além de conflitos políticos, guerras e a fome.

O Brasil é um país que recebe imigrantes e refugiados de diversos territórios do mundo, contabilizando aproximadamente 150 mil registros de imigrantes no ano de 2021, segundo os dados do Observatório das Migrações Internacionais, desenvolvido por Leonardo Cavalcanti, Tadeu de Oliveira e Bianca Guimarães Silva (2022). De acordo com os dados, os países com maior número de registros de imigrantes e refugiados no Brasil no período entre 2010 e 2021 são a Venezuela, Haiti, Cuba e Senegal (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2022).

É notável citar que no Brasil há a Lei nº 9.474/97, que trata das diretrizes de refúgio no território nacional, que abriga a Resolução nº 97, estabelecida em 2012, que cria um visto temporário humanitário para lidar com a situação dos haitianos no Brasil, uma vez que o refúgio por razões econômicas e ambientais não era mencionado na Lei desde sua criação. Com os desdobramentos mundiais, essa Resolução também abriu espaço para o amparo de refugiados de outras nacionalidades como é o caso dos sírios, dos venezuelanos e, a partir de 3 de setembro de 2021, dos afegãos, por meio da Portaria nº 24.

Pensando nessas questões emergentes, autores e autoras brasileiros começaram a representar os sujeitos diaspóricos na literatura, de modo a trazer os desafios, sentimentos e possibilidades ao passarem por essa experiência. Um exemplo de obra que contempla essa temática é *Um lençol de infinitos fios*, de Susana Ventura, publicada em 2019, que possui como forma um diário no qual duas histórias paralelas são escritas. Ambas narrativas em primeira pessoa são de personagens imigrantes que moram em São Paulo, Maria e Ludmi, de origem boliviana e haitiana, respectivamente. Maria junta-se com outros colegas imigrantes ou que possuem ascendência de outros países para uma pesquisa escolar sobre a história e cultura de países andinos, enquanto Ludmi está no Brasil em busca de seu pai, após perder toda sua família no Haiti. As histórias das duas meninas se cruzam formando uma amizade, responsável pelo reencontro de Ludmi com sua figura paterna.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é discutir os efeitos da diáspora nas personagens da obra infantojuvenil *Um lençol de infinitos fios* (2019), de Susana Ventura. Para isso, a análise da obra ficcional se pautará nos conceitos e reflexões de pesquisadores que versam sobre a diáspora, o pertencimento e a resistência, sobretudo, aqueles que se enquadram na perspectiva pós-colonial.

Segundo os pesquisadores Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2007), o pós-colonialismo é uma perspectiva teórica que lida com os efeitos da colonização em culturas e sociedades. Os sujeitos considerados pós-coloniais são aqueles relegados à posição de *outro* pelas forças sociais hegemônicas europeias que, através de uma relação de poder, estabelecem um vínculo de dominação ao classificar e diferenciar identidades consideradas inferiores. Esta ideia é debatida pelo professor Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 81-82), que exemplifica a lógica da dominação como sendo a demarcação de fronteiras “(‘nós’ e ‘eles’)", a exclusão “(estes pertencem, aqueles não)", a normalização “(‘nós somos normais, eles são anormais’)", entre outros. Portanto, sujeitos imigrantes, não brancos, membros da comunidade LGBTQIA+ e indígenas, por exemplo, seriam os grupos identitários investigados e analisados nos estudos pós-coloniais.

Uma primeira palavra: do direito à voz das pessoas migradas

Como já mencionado, os movimentos migratórios, especificamente no Brasil, foco desse estudo, sendo cada vez mais frequentes e com fluxo cada vez maior, têm reverberado em diversas camadas da sociedade. A legislação acerca de refugiados, por exemplo, teve de ser revisada. Os motivos de migração são hoje diversos, assim como os próprios migrantes, que vêm de países que antes não apresentavam números expressivos no que tangem movimentos migratórios.

Do mesmo modo, a arte, em especial a literatura, objeto que aqui é evidenciado, constitui-se como um ente mais livre e acaba por anteceder a própria organização formal da sociedade que tenta se adequar criando normas que deem conta do novo cenário miscigenado e diverso que se encerra diante de nós.

É por essa razão que é possível a constatação de uma geração de autores emergentes que, com olhos atentos à essa nova configuração social, sentem-se compelidos a representá-la. Esta literatura traz temas que serão aqui discutidos, como a diáspora, o sentimento de pertença e assim por diante. É evidente a importância de tais iniciativas (e este estudo é prova disso), uma vez que a arte tem o poder de fazer com que se voltem os olhares a *todos*, provocando reflexão nos leitores de obras que abordam temas tão prementes e necessários na atualidade.

No entanto, é preciso sublinhar que poucos escritores que se propõem a discutir essa difícil temática tiveram uma experiência migratória.

Não se pretende aqui desaboná-los, ao contrário, como mencionado, procura-se aplaudir os autores que, ainda que não tenham vivido determinada experiência, se põem a olhar o *outro*. Na verdade, sabe-se da importância da autoria imigrante representativa, no entanto, escritoras como Susana Ventura, autora da obra a ser aqui analisada, constituem-se como figuras *autorizadas* pela elite a produzir e publicar obras, enquanto escritores migrantes muitas vezes não têm a mesma oportunidade.

Desse modo, essa primeira palavra não está no sentido de desprestigiar autores não migrantes que discutem o tema, mas de convidar a uma ponderação acerca do direito à voz das pessoas migradas. Assim, nessa reflexão, questiona-se sobre a presença na literatura de personagens representativas, como no caso da obra sob estudo, *Um lençol de infinitos fios*, e também sobre a autoria imigrante, o suporte e o reconhecimento de escritores aos quais não está disponível tal possibilidade.

Ao tratar de questão semelhante – Literatura de Terceiro Mundo⁴ – Ahmad (2002) avalia o caminho de um livro que ganha notoriedade fora dos limites do sul-global. Ele reflete sobre sob quais critérios a obra é vista para que alcance destaque:

Quando um romance latino-americano chega a Delhi, ele foi selecionado, traduzido, publicado, resenhado, interpretado e foi-lhe atribuído um lugar no arquivo da “Literatura de Terceiro Mundo” através de um conjunto complexo de mediações metropolitanas. Isto é, ele chega com aqueles processos de circulação e classificação já inscritos em sua textura (Ahmad, 2002, p. 54-55).

É no país metropolitano, em todo caso, que um texto literário é primeiro designado como um texto do Terceiro Mundo, nivelado num arquivo de outros textos iguais, e depois globalmente redistribuído com aquela aura anexada a ele (Ahmad, 2002, p. 55).

⁴ Apesar de na economia não se usar mais o termo ‘terceiro mundo’, mas ‘países em desenvolvimento’, na literatura ele ainda é utilizado para descrever a questão da outremização. Mesmo consciente de que no sul-global há países em desenvolvimento e também desenvolvidos, a expressão é usada para mostrar o arquivo ideológico que outremiza esses territórios, que faz com que sua cultura e literatura (incluindo os desenvolvidos e em desenvolvimento) sejam consideradas inferiores a todos os modos de pensar europeus.

Dessa forma, essas primeiras linhas vêm para realçar a necessidade de um olhar crítico sobre a quem pertence o filtro mercadológico e editorial, sobre como a voz do migrante ainda tem de passar por determinado julgamento, muitas vezes eivado de preconceito.

Um lençol de infinitos fios (2019): uma análise da diáspora e seus efeitos

Considerando que a humanidade possui como característica primordial a locomoção, teóricos de diferentes áreas buscaram e ainda buscam compreender e teorizar a respeito da diáspora. A pesquisadora Michele Reis (2004) faz um estudo o qual, de modo a historicizar a diáspora, divide o fenômeno em três períodos: o Período Clássico, o Período Moderno e o Período Contemporâneo. A autora entende a necessidade de separar a diáspora em momentos históricos pois observa que, muitas vezes, a diáspora é abordada em textos teóricos apenas fazendo uma referência ao caso da dispersão dos judeus após o seu exílio da Babilônia. Desse modo, Reis (2004) compreende que essa forma limitadora de perceber a diáspora pode ser superada ao fazer uma abordagem do termo a partir da perspectiva pós-colonial.

Atentando-se somente ao primeiro e o último período, Reis (2004) explica que no Período Clássico um grande número de teóricos considera a dispersão judaica como a diáspora arquetípica, utilizando-se dessa experiência para se referir a toda e qualquer outra situação de diáspora. Além disso, as características fundamentais da diáspora dos judeus e, conseqüentemente, da diáspora clássica, são o exílio, o trauma e a identidade coletiva (Reis, 2004). Por outro lado, o período contemporâneo considera o termo diáspora como sendo plural e estuda as relações entre a diáspora contemporânea e o transnacionalismo e a globalização. Para Reis (2004), as diásporas clássicas são marcadas pela fragmentação e o deslocamento, não sendo mais associadas somente ao exílio e o trauma, mas a outras razões impulsionadas pela globalização, como a busca de oportunidades de trabalho, estudo e viagem, por exemplo.

A socióloga Avtar Brah também estuda a questão diaspórica, definindo que os deslocamentos proporcionados pela diáspora não são simples viagens, mas o ato de se estabelecer e criar raízes em outros lugares (Brah, 2005). Além disso, a autora acredita no caráter heterogêneo da diáspora, implicando que cada experiência é única ao promover um entrelaçamento de múltiplas viagens e narrativas.

A ficção de Susana Ventura intitulada *Um lençol de infinitos fios*, publicada em 2019, aborda uma situação contemporânea de diáspora ao trazer em seu enredo personagens imigrantes e com ascendência de outros países que não são o Brasil. Embora os motivos para a imigração de cada personagem não sejam claramente explorados, observa-se que o deslocamento não é encarado como uma situação traumática, visto que as personagens levam sua vida normalmente no Brasil, dando continuidade à educação escolar e estabelecendo relações de amizade, principalmente entre grupos que compartilham da condição de imigração.

Com o foco narrativo em primeira pessoa, alternado entre as narradoras-personagens Maria e Ludmi, a obra retrata alguns dos desafios e sentimentos dessas meninas ao narrar sobre suas experiências no território brasileiro. A narradora-personagem Maria tem doze anos e nasceu na Bolívia, mudando-se para o Brasil com apenas três. Apesar dos anos vividos longe de seu país de origem, pode-se perceber que Maria ainda possui fortes vínculos com a Bolívia, mesmo que tenha vivido a maior parte de sua vida no Brasil.

Dentro de casa, a menina sofre a influência da família falando o idioma castelhano e seguindo costumes diferentes dos da cultura brasileira, como é observado nos momentos em que a personagem se refere à sua avó, ou como é chamada em castelhano, sua *abuela*. Com os integrantes mais velhos da família, Maria tem contato direto com sua língua nativa, seja se comunicando com o idioma, traduzindo notícias em português para sua mãe compreender ou assistindo telenovelas com sua avó. Simultaneamente, na escola, Maria está imersa na cultura brasileira e na língua portuguesa.

O que se observa na personagem pode ser sustentado pela teoria do sociólogo Stuart Hall (2006, p. 88), que acredita que os sujeitos diaspóricos mantêm ligações fortes com seus locais de origem e cultura, portanto, essas pessoas “são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades”. As identidades, portanto, são construídas e reconstruídas conforme as relações dos sujeitos com o meio social, fato que contribui para a sua transformação e plurificação nos processos diaspóricos.

A realidade de Maria exige um movimento em que, a todo momento, a personagem precisa negociar entre duas culturas diferentes, dependendo do espaço físico em que ela se encontra. O constante embate entre hábitos, costumes e modos de ver o mundo distintos causa

na personagem dificuldades de entender sua identidade, fazendo-a não saber identificar qual é a sua nacionalidade, como pode ser visto a seguir:

Meu nome é Maria, tenho 12 anos e sou...
E agora? Escrevo boliviana e brasileira aqui?
Acontece que não sei se sou mais boliviana ou mais brasileira, porque nasci em Sucre, na Bolívia, mas vim para cá com três anos e, para mim, a minha casa é São Paulo. Meu bairro, minha escola e tudo isso ficam no Brasil.
Na minha casa e na minha família (e também para muitos, lá na escola), eu sou boliviana (Ventura, 2019, p. 5).

As negociações entre as diferentes culturas referidas por Hall (2006) são abordadas a partir do conceito de entre-lugar discutido pelo filósofo Homi Bhabha (1998), que afirma que as identidades são construídas nas fronteiras da cultura, em um “terceiro espaço”. Este espaço tem caráter híbrido e é nele que a diferença cultural terá lugar. De acordo com seu pensamento, os sujeitos de diferentes culturas terão seu passado redefinido e seu presente interrompido para a estruturação deste local intermediário de negociações. Assim, Bhabha (1998) coloca as identidades da diáspora como sendo indeterminadas ao situá-las na cultura do entre-lugar, um local de hibridismo.

Dialogando com a ideia de entre-lugar de Bhabha, o teórico Roland Walter (2006) acredita que “os que vivem na diáspora [...] compartilham uma dupla se não múltipla consciência e perspectiva caracterizadas por um diálogo difícil entre vários costumes e maneiras de ver e agir”. Segundo esse pensamento, os sujeitos imigrantes, ao terem contato com diferentes realidades, experienciam sentimentos contraditórios ao perceberem que ao mesmo tempo que se sentem pertencentes ao local de origem, também seguem costumes, criam laços e mantêm relações sociais com indivíduos no local de destino. O contraste de sentimentos e experiências entre o local do passado e a nova localidade provoca a sensação de que o sujeito não está situado em lugar algum, apenas em um lugar “entre”.

O contato entre as duas culturas distintas causa em Maria o sentimento contraditório e incerto, pois ela não entende, inicialmente, como uma pessoa pode se sentir pertencente a dois locais diferentes ao mesmo tempo, no caso dela, o Brasil e a Bolívia.

O mesmo pode ser observado com a personagem peruana Manoela, que assim como Maria, mudou-se para o Brasil quando era mais nova e, segundo ela, sente-se “às vezes peruana,

às vezes brasileira” (Ventura, 2019, p. 28). As personagens não conseguem se situar em nenhum dos lugares, trazendo a impressão de que estão no espaço do “entre-lugar” proposto por Bhabha (1998), um lugar de constante negociação.

A única personagem da obra que não é imigrante é Jun, entretanto, a sua realidade aproxima-se da dos colegas por ser filho de imigrantes asiáticos. O enredo indica que Jun tem ascendência chinesa e os integrantes mais velhos de sua família apenas conseguem se comunicar em mandarim, fato que também o coloca em um local híbrido, onde ele precisa lidar com diferentes costumes e modos de ver o mundo.

As personagens Maria, Manoela, Jun e o argentino Juan realizam uma pesquisa escolar em uma biblioteca pública sobre os países andinos, ou seja, os sete países os quais a Cordilheira dos Andes atravessa. Durante o trabalho, os amigos descobrem juntos pontos que os unem, como o fato de as famílias falarem mais de uma língua e enfrentarem dificuldades de viver no Brasil por serem estrangeiros.

Ao pensar a diáspora, Hall (2003, p. 33) postula que sua definição “se apoia sobre uma concepção binária de diferença”, mostrando que as diferenças culturais dos grupos são evidenciadas no contexto de imigração. O autor demonstra que os Estados-nação utilizam-se dessas dissemelhanças entre as culturas para criar uma fronteira de exclusão e receber os imigrantes com preconceito e violência.

São evidentes na obra literária os momentos em que as personagens imigrantes são tratadas com hostilidade pelas pessoas por serem diferentes do restante da população brasileira. Um exemplo é Jun, já que ele e sua família possuem características físicas específicas de povos provindos do leste asiático e são tratados com estranhamento pela sociedade:

Jun conta algumas dificuldades de seus pais e de seu irmão Lee, comerciantes que não dominam bem o português, nem escrito nem falado. E fala que muitas vezes é difícil viver em São Paulo, um lugar onde muitas vezes somos considerados “de fora” e apontados na rua e nos transportes por gente que acha... sei lá o quê! (Ventura, 2019, p. 29, grifo da autora).

O menino e sua família estão separados por uma fronteira simbólica baseada nas diferenças culturais que os excluem e os classificam como anormais pela sociedade brasileira ditada pelos padrões hegemônicos.

Outra personagem que denuncia o preconceito da sociedade brasileira frente aos sujeitos diaspóricos é Ludmi, uma imigrante haitiana que está em busca de seu pai no Brasil, após perder todos os seus familiares no Haiti.

Caracterizando-se como a outra voz narrativa da obra por narrar a história sob o seu ponto de vista em capítulos alternados com Maria, Ludmi é acolhida pela Missão Paz São Paulo, uma instituição real fundada por missionários católicos que atua no acolhimento e apoio a imigrantes e refugiados. Durante o pouco tempo em que está no Brasil, Ludmi vivencia situações de preconceito e observa outras pessoas imigrantes da instituição e de comunidades virtuais sofrendo injúrias. Nas palavras da personagem:

Sinto o racismo na pele, pelos olhares e nas palavras das pessoas. Sou negra. No começo, eu pensava que eram minhas roupas ou talvez o fato de minha pele ter um tom mais escuro que o da maior parte dos negros que vejo nas ruas da cidade de São Paulo. [...] Mas não. Era ele: o racismo. Mais forte quando a gente toma o ônibus e metrô e vários passageiros olham feio, torto, de modo desconfiado (Ventura, 2019, p. 43).

O trecho revela não somente o comportamento racista da sociedade brasileira, vista pelos olhos de uma imigrante, mas ilustra o que Deivison Mendes Faustino e Leila Maria de Oliveira (2021) chamam de xenofobia racializada. Segundo os pesquisadores,

A racialização da xenofobia é expressa pela ‘desumanização’ e ‘demonização’ distinta dos estrangeiros que não se resume à aporofobia e/ou formação profissional, mas sim pela manutenção atualizada do velho crivo racial anti-negro (e anti-indígena, em alguns casos) que, mesmo em um contexto de franca abertura fronteiriça para trabalhadores de origens diversas – qualificados ou não –, oferece condições desiguais de acomodação (Faustino; Oliveira, 2021, p. 204, grifo dos autores).

A perspectiva teórica dos autores demonstra como o preconceito contra pessoas da diáspora está intimamente relacionado com o conceito de racismo. Fica evidente na obra que o preconceito vivenciado por Ludmi e por outros imigrantes de seu círculo social não se trata apenas de discriminação racial, mas também de xenofobia. Outro exemplo marcante da obra é quando a personagem narra sobre os comentários ouvidos em seu cotidiano no Brasil, como:

“São Paulo anda infestado desses pobres de outros países. Olha aquela escurinha ali. Estrangeira, no mínimo. Era só o que faltava” (Ventura, 2019, p. 44).

Discursos como o apresentado nesse excerto demonstram a demonização do estrangeiro, utilizando a raça e a classe como fator diferenciador da personagem, dialogando com a teoria de Faustino e Oliveira (2021). Por mais que existam leis que asseguram o direito à permanência de imigrantes no Brasil, a realidade da sociedade brasileira expressada no trecho analisado também revela a presença do mito de que o povo deve ser preservado, rejeitando imigrantes por compreendê-los como uma ameaça.

Nota-se, no comportamento de Ludmi, uma visão crítica acerca desses acontecimentos e também em relação a informações divulgadas sobre seu país de origem e seus imigrantes nas mídias sociais. A personagem se depara com uma matéria de jornal que trata das condições climáticas e sociais do Haiti, focando nos desastres provocados pelo terremoto ocorrido no país em 2010. Segundo ela, há muito mais que poderia ter sido escrito sobre o Haiti, por exemplo como as pessoas se ajudam sem o auxílio de organizações e tropas vindas de outros países. Além disso, a matéria apenas apresenta “fotografia das ruínas, de prédios em pedaços. Mas não traz nenhuma fotografia das nossas casas rurais, de pau a pique, que nos dão segurança e abrigo” (Ventura, 2019, p. 19).

Como o linguista neerlandês Teun Adrianus Van Dijk (2012) postula, a verdade difundida pelos grupos dominantes brancos foi formulada a partir de histórias, reportagens de jornal e outros meios midiáticos e serve de base para a formulação de opinião e condutas das pessoas que consomem esses meios. Assim, os grupos que estão no poder na sociedade utilizam o controle dos meios de informação que possuem para divulgar materiais e histórias de modo a atender apenas aos seus interesses, trazendo, muitas vezes, informações equivocadas ou que somente contemplam a história por uma perspectiva estereotipada.

Considera-se que, ao problematizar o conteúdo do jornal, Ludmi está indo contra as ideias concebidas pela camada dominante a respeito de outros grupos sociais. O pensamento crítico da personagem acerca do que lê pode também ser observado nas suas indagações: “Será que quem fala de nós não precisa de licença? Para não reduzir a gente a prédios aos pedaços?” (Ventura, 2019, p. 20) e “Por que enfatizar tanto a pobreza de seu país?” (Ventura, 2019, p. 25). Ao trazer seus questionamentos, Ludmi desconstrói a ideia de que tudo que está em jornais e

na *internet* é absolutamente verdade, pois nem sempre o que está escrito contempla a realidade e a história de cada indivíduo ou cultura.

A história de Ludmi cruza-se com a de Maria e seus colegas enquanto tenta encontrar informações sobre onde seu pai mora ou um meio de contato eficiente para comunicação. Percebe-se que Ludmi consegue criar laços com as outras crianças ao perceber que elas compartilham da mesma condição de imigrante que ela.

O processo de identificação e de criação de laços de amizade está relacionado com as teorias acerca de lar e pertencimento. Avtar Brah (2005, p. 188-189) afirma que lar (*home*) é um local mítico de origem para os sujeitos diaspóricos, pois, mesmo ao regressar geograficamente para o local de onde partiu, não é possível retornar ao exato espaço que foi deixado. A autora demonstra ainda que o conceito de lar também pode ser pensado como a experiência vivida em uma localidade, exemplificando que elementos familiares como sons e aromas podem suscitar tal sentimento. De maneira semelhante, o professor David Morley considera o conceito de lar como um espaço físico e também simbólico, que estaria relacionado aos espaços de pertencimento e identidade em diferentes escalas geográficas (Morley, 2011).

A imagem construída por Ludmi do que ela considera como lar fica evidente quando a personagem descreve sua antiga casa no Haiti e alguns costumes, como a organização de *kombites*, ou seja, “quando os vizinhos se juntam para enterrar quem precisa de enterro, para curar com ervas quem precisa de cura, para distribuir os mais fracos para aqueles que podem cuidar melhor” (Ventura, 2019, p. 19). Não se trata somente de um local situado geograficamente, mas também um local simbólico que contém elementos da identidade da comunidade na qual vivia.

Outro estudo a respeito do pertencimento no contexto diaspórico conduzido pelos pesquisadores David Ralph e Lynn Staeheli (2011) destaca que o conceito incorpora a sensação de sentir-se “em casa” em um determinado lugar pelo indivíduo e é estruturado por relacionamentos e práticas vivenciadas em diferentes locais. Tais relações sociais determinam e posicionam os indivíduos e grupos sociais, de acordo com suas experiências diárias (Ralph; Staeheli, 2011). O que os pesquisadores demonstram é que cada experiência é singular e não há uma regra para definir como se dá o processo de criação de laços e sentimentos de pertença por indivíduos da diáspora. Assim, é necessário analisar cada contexto para compreender como

os imigrantes interagem para construir lares, bem como entender como os lares são interpretados, entendidos e significados por esses sujeitos.

A partir dessa perspectiva teórica, considera-se que quando Ludmi percebe que seus novos amigos vivenciam experiências semelhantes às dela, ela consegue estabelecer relações com seu local de origem, construindo um novo espaço de pertencimento que une seu passado e seu presente. Tal fato é ilustrado quando ela lembra do ditado popular haitiano “meu vizinho é meu lençol”, que simboliza a união e o sentimento de acolhimento dos vizinhos de sua comunidade, sempre ajudando uns aos outros, e o aplica no contexto brasileiro, como pode ser visto em sua fala: “Meu vizinho é meu lençol e vai ser aqui no Brasil também” (Ventura, 2019, p. 69).

O fato de criar novos espaços de pertencimento e lar é constatado por Avtar Brah (2005) ao expor que o fenômeno diaspórico é marcado por processos de multi-localidade, pensando em locais geográficos e psíquicos. A autora enfatiza que “a dupla, tripla ou multi-localidade do ‘lar’ no imaginário das pessoas da diáspora não significa que tais grupos não se sintam ancorados no local de estabelecimento” (Brah, 2005, p. 191).

Pensando em todos os conceitos debatidos, acredita-se que é no momento em que Ludmi se sente acolhida pelos seus novos amigos que há uma ampliação das fronteiras do que ela considera como lar. A partir da lógica da multi-localidade proposta por Brah (2005), a personagem não deixa de sentir um forte sentimento de pertencimento com o seu país de origem, ela apenas estende suas noções de lar para outro local geográfico, o Brasil.

Assim, ela consegue estabelecer um diálogo com a cultura e seus relacionamentos passados quando vê a possibilidade da realização do ditado haitiano no Brasil, ajudando-a no seu processo de criar raízes nesse novo local. Pode-se pensar que, no contexto de deslocamento, o conjunto de experiências vividas no passado e as recém experienciadas no novo território se unem para a contínua construção e reconstrução de noções de identidade e pertencimento.

A relação de Maria com o Brasil também pode ser pensada à luz da teoria de Brah (2005), visto que ela, sendo uma pessoa da diáspora, sente-se dividida entre dois locais, mas ambos podem ser considerados seus locais de pertencimento, já que a sua aproximação com as outras crianças e a criação de laços e raízes no Brasil são motivados pelo sentimento de identificação mútuo pelo fato de serem imigrantes. Um exemplo é a amizade entre sua família

com a de Juan, que frequentam juntos a missa na paróquia Nossa Senhora da Paz, que é oficializada em castelhano.

Compartilhando não apenas experiências que contemplam as duas culturas igualmente, as famílias passam a participar de costumes culturais específicos de seus países de origem, como é ilustrado no capítulo da obra em que as duas famílias visitam a Feira da Kantuta, uma tradicional feira de imigrantes bolivianos que vende comidas e artesanatos tradicionais daquele país. Considera-se que no processo de criação de raízes no Brasil, ambas as famílias reconfiguram suas noções de lar a partir da construção de relacionamentos com outros imigrantes e de práticas culturais compartilhadas.

As questões identitárias dos sujeitos da diáspora e seus processos de reestruturação das fronteiras de lar também podem dialogar com as discussões a respeito da resistência desses grupos. O teórico pós-colonial Bill Ashcroft (2001) aponta que os sujeitos coloniais são autônomos para fazer escolhas e empregar estratégias de autoformação de produção, o que os caracteriza como agentes que são capazes de resistir ao poder cultural. Essa é uma forma de resistência apontada pelo autor que não necessita de embates violentos ou da formação de movimentos políticos para existir, apenas a agência dos sujeitos dominados na sua reconstrução e na sua capacidade de negociar entre as culturas.

A manifestação da resistência no romance pode ser observada quando se interpreta a reação de Ludmi, debatida em um excerto anterior, ao ler a matéria jornalística que abordava seu país de origem sob uma perspectiva simplista e estigmatizada. Pensando esse episódio da obra pela ótica dos escritos teóricos de Ashcroft (2001), entende-se que a personagem demonstra um comportamento de resistência, pois consegue se colocar em posição de agenciamento ao desenvolver e utilizar o seu senso crítico para questionar o material midiático produzido e propagado por um grupo que se encontra em posição de hegemonia social, cultural e econômica na sociedade.

Além disso, nota-se, em *Um lençol de infinitos fios* (2019), um esforço das personagens para a criação de estratégias para a manutenção de laços com sua cultura, bem como para a tentativa de uma conscientização da sociedade a respeito da história e tradições herdadas culturalmente. Esse movimento de resistência é manifestado no decorrer de toda a obra, enquanto Maria, Jun, Manoela e Juan pesquisam e buscam compreender diversos aspectos

singulares de seus países de origem, como a literatura, danças, músicas, culinária e, sobretudo, a história.

Entretanto, entende-se que o momento da obra em que a resistência é denotada de maneira mais significativa é quando a pesquisa é concluída e as personagens apresentam o seu resultado para toda a comunidade escolar no Dia da Imigração. No dia da apresentação, Maria narra:

Jun e Manoela cuidaram de selecionar trechos de músicas e vídeos legais do *YouTube* e montamos juntos uma apresentação para contar às pessoas sobre o que andamos preparando. Com o *tablet* nós também filmamos a *abuela* narrando contos populares (Manoela conseguiu colocar legendas em português) e os pais de Juan e os meus contando como foi para eles a vinda para o Brasil.

A mãe de Manoela vai levar um doce especial peruano, a *mazamorra morada*, em copinhos pequenos para que todos possam provar logo após a nossa fala (Ventura, 2019, p. 72-73, grifo da autora).

Por meio da realização do trabalho, Maria, Jun, Manoela e Juan puderam promover a representação de elementos diversos de suas realidades culturais para a celebração da imigração e da diferença. Acredita-se que com a dedicação para a elaboração dos materiais apresentados, as crianças assumiram a posição de sujeitos agentes de sua história, fortalecendo os laços com sua cultura e mostrando à sociedade a grandiosidade da presença de alguns dos diferentes povos que compõem a população brasileira.

Considerações finais

Após um breve convite à reflexão sobre a importância da autoria imigrante, analisou-se, nesta pesquisa, a condição diaspórica das personagens que compõem a obra ficcional de Susana Ventura, *Um lençol de infinitos fios* (2019), refletindo sobre as implicações de seu deslocamento na construção de suas identidades. Percebeu-se que algumas personagens, ao ainda manterem fortes relações com sua cultura de origem após sua migração para o Brasil, experienciaram sentimentos de incerteza acerca de suas nacionalidades. Esse fato foi analisado

à luz das teorias culturais que consideram os imigrantes como sujeitos com identidades híbridas em constante negociação e reconstrução.

A multiplicidade de identidades motivada pelos processos migratórios acarreta na presença de uma grande variedade de culturas que carregam a marca da diferença no novo território. Discutiu-se que a partir da delimitação da diferença, os grupos hegemônicos da sociedade utilizam-se da discriminação racial e da xenofobia para marginalizar os sujeitos da diáspora, vendo-os como uma ameaça à nação.

Debatendo mais sobre os grupos que estão em posição de poder na sociedade, observou-se, na personagem Ludmi, uma inclinação para a desconstrução de opiniões divulgadas por meios midiáticos que são construídas sob perspectivas estigmatizadas sobre a história do seu país de origem, o Haiti. A demonstração de seu pensamento crítico poderia ser considerada como um ato de resistência contra o poder cultural e social homogeneizador. Outra manifestação de resistência notada na investigação da obra é a criação de estratégias pelas crianças com o fim de fortalecer laços e divulgar informações sobre suas culturas para sua comunidade escolar.

Concluiu-se que a aproximação das personagens foi motivada pelo fato de todas compartilharem da condição de imigração, mesmo apresentando histórias de vidas e experiências singulares. Utilizando-se de teorias que versam sobre os conceitos de lar e pertencimento, sobretudo na situação diaspórica, analisou-se que a construção de relacionamentos e o compartilhamento de práticas culturais podem contribuir para a reconfiguração das noções de lar das personagens e de suas famílias, que passam a ser múltiplos em situação de diáspora.

Com as novas experiências compartilhadas com os colegas que conheceu, Ludmi foi capaz de construir um novo espaço de pertencimento que une seu passado no Haiti e seu presente no Brasil. Pensando no ditado popular de seu povo, o lençol de Ludmi ganha uma nova significação, com diferentes “fios, de tramados singulares, com cores inesperadas” (VENTURA, 2019, p. 78, grifos da autora).

Referências

- AHMAD, A. *Linhagens do presente*. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2002.
- ASHCROFT, B. Resistance. In: ASHCROFT, B. *Post-Colonial transformation*. London: Routledge, 2001. p. 18-44.
- ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. *Key concepts in post-colonial studies*. 2. ed. London: Routledge, 2007.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BRAH, A. Diaspora, border and transnational identities. In: BRAH, A. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 2005. p. 178-210.
- BRASIL. *Lei nº 9.474 de 22 de julho de 1997*. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Presidência da República, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm. Acesso em: 8 out. 2021.
- BRASIL. Portaria interministerial nº 24, de 3 de setembro de 2021. Dispõe sobre a concessão do visto temporário e da autorização de residência para fins de acolhida humanitária para nacionais afegãos, apátridas e pessoas afetadas pela situação de grave ou iminente instabilidade institucional, de grave violação de direitos humanos ou de direito internacional humanitário no Afeganistão. *Diário Oficial da União*, edição 170, seção 1, p. 147, 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-interministerial-n-24-de-3-de-setembro-de-2021-343300675>. Acesso em: 8 out. 2021.
- CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T. de; SILVA, B. G. *Relatório Anual OBMigra 2022*. Série Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2022.
- FAUSTINO, D. M.; OLIVEIRA, L. M. de. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, DF, v. 29, n. 63, p. 193-210, 2021.
- HALL, S. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MORLEY, D. Belongings: Place, space and identity in a mediated world. *European Journal of Cultural Studies*, [s. l.], v. 4, n. 4, p. 425-448, 2011.

RALPH, D.; STAEHELI, L. Home and Migration: Mobilities, Belongings and Identities. *Geography Compass*, [s. l.], v. 5, n. 7, p. 517-530, 2011.

REIS, M. Theorizing diaspora: perspectives on “classical” and “contemporary” diaspora. *International Migration*, Oxford, v. 42, n. 2, p. 42-54, 2004.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

VAN DIJK, T. A. Introdução. In: VAN DIJK, T. A. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 11-24.

VENTURA, S. *Um lençol de infinitos fios*. São Paulo: Gaivota, 2019.

WALTER, R. Transferência Interculturais: Notas sobre trans-cultura, multi-cultura, diásporas e encruzilhadas. *Revista Sociopoética*, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2006. Não paginado.

Traits and plot of the diaspora: an analysis of *Um lençol de infinitos fios*, by Susana Ventura

Abstract: In the current socio-political and cultural context of Brazil, the arrival flows of immigrants on Brazilian soil are increasingly emerging. Based on the interest of writers in migration issues, examples of literary works that address this topic emerge. *Um lençol de infinitos fios*, by Susana Ventura, was published in 2019 to contribute to productions that focus on the reality and challenges that immigrants experience when arriving in Brazil. This study aims to discuss the effects of diaspora on the characters of the children's book *Um lençol de infinitos fios* (2019). From the perspective of post-colonial theoretical reflections on the diaspora, belonging and resistance, in addition to theories that deal with prejudice, we could discuss the hybrid identities and constant negotiation of the characters in the text, the cultural and physical differences of characters that are received in Brazilian society with discrimination, as well as the power relations of groups that are in a hegemonic position in society. Furthermore, we understood the characters' relationships with their multiple places of belonging and acts of resistance that demonstrated the characters' critical sense and the strengthening of ties with their original culture.

Keywords: Diaspora; Postcolonialism; Belonging.

Recebido em: 8 de maio de 2024.

Aceito em: 25 de julho de 2024.